

# APRESENTAÇÃO

O facto de sermos monge beneditino, sacerdote, e de termos exercido a docência na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, secção de História e, depois, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, levou-nos a olhar com atenção especial as coisas da Ordem Beneditina. Na realidade, porque somos membro da Ordem Beneditina, instituição plurissecular, a mais antiga das Ordens Religiosas da Igreja Católica no Ocidente e a única anterior ao ANO MIL, que ainda persevera viva e viçosa, fomos como que instigados a encarar os problemas culturais que, a respeito dela, se põem ao estudioso actual.

Na diacronia da história e da cultura beneditina, pareceu-nos, portanto, asado o tema para, de alguma maneira, levantar a problemática e a importância deste documento singular e discutido, que é a Regra de São Bento, bem como outros pontos da história beneditina na modernidade. Isto fazemos, sobretudo, com a intenção de chamar a atenção dos meios universitários para a problemática moderna da Regra de S. Bento, conhecida como é a influência que os monges tiveram no Entre Minho e Douro nos primórdios da nacionalidade portuguesa. Fazemo-lo ainda para evidenciar a nível internacional, sobretudo nos ambientes monásticos, onde a questão da *Regra Beneditina* é mais debatida, mas também, a nível interno, a importância bibliográfica deste documento que, através da acção cultural dos monges beneditinos, mereceu que S. Bento fosse proclamado pelo Papa Paulo VI «Patrono principal da Europa»<sup>1</sup>, ao qual, aliás, já antes Pio XII chamara «Pai da Europa»<sup>2</sup>.

Neste tema convergem, de facto, valores acrescentados de história monástica, de hermenêutica literária, de crítica textual, e ainda de inventariação codicológica e bibliográfica. É todo um acervo de problemática cultural, a que a Universidade não deve ficar indiferente, por mais cunho espiritual que tenha o tema. Pode-se ser crente ou não, mas, cientificamente, não se pode ignorar, sobretudo na Europa, o papel das ordens religiosas, caso dos beneditinos, no aspecto religioso, arquitectónico, cultural, económico, político, social.

Da nossa parte, não quisemos, todavia, apresentar um laborioso e cuidado inventário de edições da Regra de S. Bento, como se fôssemos um bibliófilo; pretendemos, sim, associar ao trabalho material de pesquisa bibliográfica a discussão mental da questão subjacente à própria obra em questão. Julgámos, por isso, tratar-se de um tema com real impacto ao nível até das mentalidades, porquanto, logo nos séculos XI/ XII, a Regra de S. Bento criou duas perspectivas de hermenêutica prática, ou seja, duas formas de observância disciplinar: a dos Cluniacenses e a dos Cistercienses, o «*Ordo Cluniacensis*» e o «*Ordo Cisterciensis*». Note-se, porém, que S. Bento não quis fundar nenhuma «Ordem» religiosa, e que a Ordem Beneditina só apareceu mais tarde pela generalização da Regra com S. Bento de Aniano e a preponderância de Cluny.

<sup>1</sup> PAULO VI – *Carta Apostólica «Pacis nuntius»*, 24/X/1964. «Acta Apostolicae Sedis» (AAS), 56, 1964, 965-967. O Papa declara S. Bento Patrono da Europa.

<sup>2</sup> PIO XII – *Encíclica «Fulgens radiatur»*, 21/III/1947, «AAS», 39, 1947, 137-155. Tradução portuguesa «Mensagem de S. Bento», Ano XVI, N.º 5, 1947, 131-146: «*Europae pater sanctus Benedictus est*».

O grande S. Bernardo, tido como «Doutor Melíflu», a este propósito e marcando as diferenças, deixou um opúsculo que, nos perdoe o santo monge, bem podemos considerar corno verrinoso libelo. Na verdade, ao escrever a «*Apologia ad Gulielmum abbatem*», o santo doutor beneditino-cisterciense mais parece destilar fel que mel<sup>3</sup>. Sabemos com que ardor Cluny e Cister defenderam o seu «*Ordo*» monástico, o modo prático de cumprir e viver a Regra de S. Bento, a observância e disciplina, que fazem de cada monge um fervoroso seguidor da sua ordem. Não será sem razão que mais tarde, os abades iniciarão os capítulos de culpas proferindo as palavras «falemos da nossa ordem» («*loquamur de ordine nostro*»). Por isso, Pedro Venerável, ao fazer o elogio do seu prior Mateus, futuro Cardeal de Albano, afirmava que fora zeloso da ordem e do claustro<sup>4</sup>. A expressão estereotipada «*erat amator ordinis sui*» aparece a propósito do bem-aventurado Hugo de Tournai (†1158), abade de Marchiennes, Douai, Norte de França, na medida em que amava a disciplina do mosteiro e por ela vigiava.

Acresce a tudo isto a questão do paralelismo da Regra de S. Bento (*RB*) com a chamada Regra do Mestre (*Regula Magistri*), que a moderna crítica trouxe para a ribalta da discussão monástica sobre a prioridade da mesma em relação à Regra de S. Bento.

Ajuntemos a isto, a conveniência e utilidade de informar sobre a história beneditina desde a Idade Média, como chegou a Portugal e como passou para o Brasil, onde os beneditinos portugueses instituíram o primeiro mosteiro beneditino do Novo Mundo, na Baía. Pareceu bem, ainda, complementar este trabalho com a história abreviada de alguns antigos mosteiros beneditinos portugueses, que perduram como monumentos notáveis do nosso Portugal e, por fim, dar uma visão sintética de carácter hagiológico sobre o culto de São Bento ou São Bentinho, como diz o nosso povo, considerando-o advogado das coisas ruins, dos males desconhecidos e dos maus vizinhos da porta.

Terminaremos, a título de homenagem, com uma breve biografia de D. Gabriel de Sousa, abade de Singeverga, grande estudioso das coisas beneditinas portuguesas e nosso mestre na vida monástica.

Por todas estas razões, agora, que tanto se fala da Constituição da Comunidade Europeia, de que S. Bento é emblemático Padroeiro católico<sup>5</sup>, e tendo-se realizado no grandioso Mosteiro de Tibães a exposição sobre o culto de S. Bento, foi este para nós um trabalho motivador e aliciente, que julgamos válido e útil apresentar à cultura em Portugal e à Comunidade Académica, sabendo como, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto,

<sup>3</sup> BERNARDO DE CLARAVAL – *Apologia para Guilherme abade*. Apresentação, Tradução e notas de Geraldo Coelho Dias. Separata de «*Mediaevalia*». Porto, n.º 11-12 (1997).

<sup>4</sup> PETRUS VENERABILIS – *De Miraculis*, Liber II, 11, «PL», 189, 921: «*Astrinxi eum michi fortiore, nec umquam dissoluendo amoris uinculo, eique statim ordinis et claustris, cuius ut iam dictum est feruentissimus erat amator, curam imposui*». Cf. BERLIÈRE, D. Ursmer – *L'ascèse bénédictine des origines à la fin du XII.º siècle. Essai historique*. Paris: Desclée de Brouwer/Abbayie de Maredsous, 1927, 11-14 (Col. Pax, 1).

<sup>5</sup> MATTOSO, José – *São Bento, Pai da Europa*. «O Instituto». Coimbra, 1965, Vol. CXXVII. Separata de 27 páginas.

através da cadeira de História Medieval, se presta particular atenção à obra dos monges beneditinos e sua Regra.

Não podemos, tão pouco, esquecer os fervorosos oblatos beneditinos espalhados por vários centros de Portugal e os muitos admiradores da Ordem Beneditina, os quais, com um pouco de conhecimento histórico, bem sabem como, apesar de tudo, a Europa è devedora à civilização dos monges, ao seu esforço de santidade, ao seu contributo para a ciência e as artes e ao seu afincado espírito de trabalho. Não foi sem razão que, em Portugal, o Mosteiro de São Bento da Saúde, em Lisboa, até chegou a ser proposto para casa-mãe emblemática dos portugueses, hoje por todos conhecido como Palácio de São Bento e Assembleia da República!

De resto, até a Filatelia tem mostrado interesse pela obra de S. Bento<sup>6</sup>, como demonstrou Sá Machado no I Congresso Internacional «Os Beneditinos na Europa», realizado em Santo Tirso a 23-25/XI/1995, precisamente dedicado a «Os Beneditinos e a Europa».

Qualquer pessoa, minimamente informada, sabe como depois da expulsão dos religiosos em Portugal, no ominoso ano de 1834, a breve trecho, se levantaram e ouviram vozes a protestar. Primeiro, o grande e insuspeito Alexandre Herculano, classificando a expulsão de «obra brutal, quase por toda a parte brutalmente executada...uma das realidades mais torpes, mais ignominiosas, mais brutais, mais estúpida e covardemente cruéis do século»<sup>7</sup>. Depois, escreveu a sua «Petição humilíssima a favor d'uma classe desgraçada»<sup>8</sup>. Também o patriota e liberal Almeida Garrett ergueu a sua voz clamorosa e fez protesto contra as misérias que sofriam os egressos religiosos, com a acusação de «regalismo» (que diziam não entender) da «nova igreja», «cujos cânones», afirmava com ironia, «eram feitos na secretaria de estado», cujos ministros eram «homens da polícia», cujo episcopado era «talvez uma parte das funções do administrador geral»<sup>9</sup>. Estava-se, então, na época da «monacofobia», como diziam ao tempo os monges, «perante o mais violento traumatismo espiritual da história portuguesa»<sup>10</sup>.

Na rasoira dos liberais exaltados e na odienta vingança da maçonaria, todos os religiosos eram chamados «frades», sem distinção de ordens, de congregações ou de associações. Consciente da injustiça feita, dizia, em 1902, o consagrado escritor Alberto Pimentel: «O frade fora uma civilização», e ainda «o frade faz falta em toda a parte»<sup>11</sup>.

<sup>6</sup> MACHADO, Paulo Sá – *S. Bento e os Beneditinos na Filatelia*. «Actas do Congresso «Os Beneditinos na Europa»». Santo Tirso: Câmara Municipal, 1995, 77-88; Idem – *De S. Bento ao Rio da Prata (Estudos histórico-filatélicos)*. Santa Maria da Feira: Edição da Fundação Postal Portuguesa, 2000, vol. I.

<sup>7</sup> *Opúsculos*. Lisboa, 1842, 149-150.

<sup>8</sup> *Revista Universal Lisbonense*. Lisboa, 1843, t. II, 323-326.

<sup>9</sup> *Discurso de 26 de Abril de 1839*. «Diário da Câmara dos Deputados», 1839, vol. II, 263-266.

<sup>10</sup> RAPOSO, Hipólito – *Folhas do meu cadastro*, I. Lisboa, 1945, XVIII.

<sup>11</sup> PIMENTEL, Alberto – *Santo Thyrso de Riba d'Ave*. 1902, 14, 26.

A filosofia e as ciências humanas têm, modernamente, insistido na diferença semiológica entre cultura e civilização. Cultura vê-se mais como o conjunto dos valores do espírito (religião, moral, literatura, arte), que caracterizam uma pessoa ou grupo humano, ao passo que civilização seria o conjunto dos valores técnicos e materiais que fazem o progresso da humanidade, como se passou a distinguir desde meados do século XIX. Não queremos assumir tal distinção com pruridos de dicotomia e oposição, antes pelo contrário. Conscientes de que os monges se interessam, essencialmente, pelos valores da cultura, reconhecemos, todavia, que, no aqui e agora dos tempos e espaços humanos, também eles contribuem para o progresso material da sociedade humana. Por isso, tomamos a palavra civilização num sentido englobante como o conjunto dos valores espirituais e materiais, que contribuem para o progresso da humanidade. Por essa razão não hesitámos em falar da civilização, tal como falaríamos da cultura dos monges. Não podemos afirmar que seja essa uma visão entusiasta da historiografia romântica<sup>12</sup>, por mais que reconheçamos que investigadores mais modernos, virados para as questões económicas e materiais, asseverem o contributo da nobreza e grupos de leigos<sup>13</sup>.

De facto, os mosteiros beneditinos, desde a idade Média à Idade Moderna, foram fautores e factores da civilização Ocidental no campo da teologia, da filosofia, da mística, da história, da literatura, da arte, da arquitectura, da música e até das ciências. Será que, na Idade Contemporânea, os monges se esqueceram do património dos seus antepassados e perderam o seu dinamismo? Será que os monges poderão viver, angelicamente, só para os louvores de Deus? Será que os mosteiros só interessam por atrair o turismo e hóspedes pelo exotismo da vida e pela venda dos seus produtos conventuais de doces e licores? Compreende-se, assim e agora, sem ressaibos de «revanchismo» ou rancorismo vindicativo, a razão fundamental por que demos a este nosso trabalho o título de «Quando os monges eram uma civilização...». Como monge beneditino, limitamo-nos, naturalmente, aos Beneditinos, tentando dar a conhecer o seu Espírito, a sua Alma, o seu Corpo. Isto, claro, sem esquecer que, também na vida religiosa, se pode infiltrar a traça da corrupção e a ferrugem da maldade.

Ao usarmos aquela terminologia, queremos afirmar que não ignoramos a teoria hilemorfística do sistema aristotélico-tomístico para a explicação do composto humano. Tendo, porém, em conta os dados da mentalidade do Médio Oriente, patente no pensamento do Egipto-faraónico e na Bíblia, que os beneditinos tanto apreciavam, queremos aproveitar tal concepção e terminologia para melhor evidenciar, sobretudo ao nível do corpo social das instituições, o papel do Espírito, da Alma e do Corpo. Com efeito, se os egípcios antigos, para o composto humano, falam de *AK*, *BA*, *KHA*, que a Bíblia traduz por

<sup>12</sup> MONTALEMBERT, Charles Forbes, Conde de – *Les moines d'Occident*. Paris, 1882, 6 vols.; DECARREAUX, J. – *Les moines et la civilisation. Des invasions à Charlemagne*. Paris, 1962.

<sup>13</sup> DUBY, Georges – *L'économie rurale et la vie des campagnes dans l'Occident medieval*. Paris, 1962.

Espírito, Alma e Corpo, (S. Paulo na I Epístola aos Tessalonicenses, 5,23), talvez nós, com alguma razão, possamos falar de Espírito, Alma e Corpo, como aliás, já dizia Santo Irineu de Leão: «O homem perfeito consta de carne, alma e espírito»<sup>14</sup>. Dentro de tal concepção, o *Espírito* seria o elemento vital original, a vida de S. Bento, a «*forma mentis*» do legislador, de certo modo, o seu princípio ordenador e imutável, no caso, a Regra de S. Bento, enquanto o *Alma* seria o contributo que, na diacronia da história e na interpretação da mesma Regra, os monges empregaram para transmitir, esclarecer e completar, segundo os tempos e as circunstâncias, a Regra de S. Bento; isso, constituiria a «tradição monástica», o «espírito beneditino», que vai perpetuando e adaptando a Regra ao longo dos tempos. O *Corpo*, necessariamente, seriam os monges, as congregações e os mosteiros em que a Regra e a tradição beneditina se materializam e propagam através da história e na vivência dos séculos. Ninguém se admire se utilizarmos esta terceira alínea para apresentar a história dos beneditinos em Portugal. A aplicação desta terminologia serve-nos, portanto, para pôr em evidência os aspectos, que, neste trabalho, queremos esclarecer.

Não lutamos contra ninguém, não fazemos apologética; queremos apenas, de forma irénica, pacífica e descritiva, dar a conhecer o mundo e a acção cultural/civilizacional dos monges beneditinos.

Assim nos compreendam!

---

<sup>14</sup> «*Perfectus homo constat carne, anima et spiritu*», IRENAEUS LUGDUNENSIS – *Adversus haereses*, Liber 5, cap. 9, par.1.